

Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel.

...Si l'on aime vraiment les textes, on doit bien souhaiter, de temps en temps, en aimer (au moins) deux à la fois.

Gérard Genette, *Palimpsestes*

O *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel é um poema heróico¹ em torno do nascimento e infância de Cristo, que suscita variadas reflexões, quer do ponto de vista do conteúdo, quer do da sua estruturação, quer das matrizes textuais que o suportam, quer ainda sobre a espiritualidade monástica feminina em geral, e em particular na época da sua autora. Não se pode, naturalmente, proceder, neste trabalho, a uma cobertura tão eficaz e ampla quanto possível de todos estes aspectos. Por isso, procurar-se-á centrar o eixo desta reflexão em torno do contributo prestado por esta obra para a compreensão da espiritualidade monástica feminina, de onde ressalta a influência de S. Boaventura, cruzada com outros veios de espiritualidade mais ou menos densos na estruturação do *Memorial da Infância de Cristo* – os de uma espiritualidade inaciana, por exemplo –, numa altura em que Portugal constituía uma província castelhana sob o domínio dos Filipes.

Este facto político parece não ser de todo despiciendo, sobretudo se se pensar que, embora mantendo especificidades e particularidades que lhe foram sempre próprias, Portugal absorveu nessa altura, e por razões óbvias, muita literatura de espiritualidade cuja edição provinha de Espanha e que nem sempre deu lugar a reduplicações pelos prelos portugueses. Consumia-se por estas alturas o produto da imprensa castelhana, embora o peso dessa

¹ Na esteira do sucesso de *Os Lusíadas*, de Camões, um pouco por toda a Península Ibérica e, até, de um modo geral, por toda a Europa, se difundiu a moda dos poemas heróicos a diversos assuntos, entre as décadas de 70, 80 e 90 do século XVI e 10, 20 e 30 do século XVII. O *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Mesquita Pimentel constitui um exemplar desse grosso filão, que o artigo de Eugenio ASENSIO, *España en la épica portuguesa del tiempo de los Felipes (1580 - 1640), Al margen de un libro de Hernani Cidade*, in *Estudios Portugueses*, lucidamente analisa. O *Memorial da Infância* situa-se, segundo Asensio, numa série religiosa da vida literária no tempo dos Filipes.

influência e dessa proveniência seja difícil de configurar numa mancha identificada de leitores da época.

O *Memorial da Infância de Cristo* foi editado em Lisboa, em 1639, por Jorge Rodrigues, sob a designação de *Primeira Parte* de uma trilogia que hoje desconhecemos, mas de que Inocêncio Francisco da Silva relata a existência: “A segunda e terceira parte desta obra ficaram manuscritas. Vias, se não me engano autographas, na collecção de poemas que possuía o muitas vezes citado Francisco de Paula Ferreira da Costa. Continha a 2ª parte a vida e milagres de Christo, e a 3ª a sua paixão.” Barbosa Machado insiste, por seu lado, em que as várias partes da obra estivessem guardadas na livraria de Alcobaça.

Esta é, no entanto, a única obra que o tempo nos legou de Soror Maria de Mesquita Pimentel, religiosa cisterciense no mosteiro de S. Bento de Castris, em Évora, natural de Estremoz e falecida a 1 de Novembro de 1661, com 80 anos de idade. Mas, curiosamente, a licença preliminar de Frei Arsénio da Paixão, que antecede a dedicatória da obra, concede autorização à religiosa em questão “para que avidas as licenças necessarias, possa dar à impressão dous livros, que tem compostos, intitulados hum, Infancia de Christo & Triumpho do divino Amor, o outro, Memorial da paixão de Christo”. Isto em 1635.

Mais curioso ainda é o facto de que, em 1639, se deu ao prelo a assim designada *Primeira Parte* de uma obra mais vasta e que constituiria, na ordem da escrita da autora, a segunda parte do seu trabalho, uma vez que é de supor que a redacção da *Paixão...* tenha sido o primeiro trabalho deste tríptico literário, pois Mesquita Pimentel afirma no *Prólogo ao leitor*:

*Os que o seu Memorial
Da paixão solenizastes,
Recebei com gosto igual
Este, pois os bens fundastes
Na Infancia celestial.*

Tais afirmações levam a crer que o *Memorial da Paixão* já devia ter sido escrito e divulgado, em cópias manuscritas, autógrafas ou não, pelo menos na altura da edição do *Memorial da Infância*. A última estrofe do *Memorial* encerra o poema com uma alusão à terceira parte do poema, que a autora confessa já ter oferecida a Cristo. Trata-se, provavelmente, do *Memorial da Paixão*, a terceira parte dessa obra trilógica considerada como um todo, mas que terá sido a primeira a ser elaborada, isto é, a primeira na ordem de escrita. Quanto à segunda parte, que corresponderia aos milagres de Cristo,

Frei Gaspar dos Reis dá a entender que também já estava pronta para editar, pois a sua licença, datada de 1637, reporta-se ao “Memorial da Infancia & milagres de Christo”, que diz que pode correr com alguns versos riscados e modificações de outros. Talvez nestas emendas propostas e na hesitação em torno da publicação das três partes do texto esteja a explicação para o retardamento da edição do *Memorial da Infância*. Este, o único que hoje possuímos, saiu dos prelos isolado da totalidade dessa suspeitada obra tríptica, mas curiosamente só cinco anos depois de obtida a 1ª licença, datada de Alcobaça, de 17 de Agosto de 1633. Parece tratar-se de um caso em que se quis juntar posteriores acrescentos a uma obra preparada para edição, neste caso a segunda e a terceira partes de uma Vida de Cristo, que, afinal, mesmo apesar de terem obtido aprovação nas licenças, nunca chegaram a ver o prelo.

A totalidade da obra, a ter sido efectivamente escrita, não deixa de questionar o investigador relativamente a uma possível influência do *Retablo de la Vida de Cristo* do cartuxo Juan de Padilla, obra que, apesar de não possuir uma qualidade literária de grande apreço, obteve no entanto larga difusão (a 1ª edição deverá ser de 1505, tendo havido outras de 1513, 1516, 1518, todas em Sevilha) e influência na sua época e tendo sido talvez mesmo mais lida do que o divulgadíssimo *Flos Sanctorum*². Possui em comum com a totalidade conjecturada do *Memorial* a técnica - que haveria, segundo alguns autores, de desembocar na composição vendo o lugar de Santo Inácio de Loyola - e a temática, também esta tripartida em função de momentos diferenciados da vida de Jesus, que encontram rigoroso paralelo na repartição dos três temas nos três *Memoriais* de Soror Pimentel: infância de Cristo até ao momento em que se perde no templo; acontecimentos da vida pública de Cristo e Paixão, morte e santo enterro³. Tal tripartição não se encontra nas *Meditações da vida de Cristo* atribuídas durante muito tempo, com alguma polémica, é certo, a S. Boaventura⁴, obra que marcou determinadamente,

² Cf. José TARRE, *El Retablo de la Vida de Cristo Compuesto por El Cartujano de Sevilla*, in *Archivo Historico Soc. Iesu*, XXV (49) - 1956, 243-253, onde se afirma: “...Fue el libro de la Vida de Cristo, el Vita Christi, como se decia entonces, mas divulgado en España durante el siglo XVI, más leído todavia que el popular Flores Sanctorum”.

³ Há quem veja nesta tripartição temática da obra de Padilla uma correlação mais ou menos estreita com as artes plásticas, nomeadamente com os retábulos trípticos que, como se sabe, constituíram um foco de devoção intenso nesta época. Levando em consideração que o barroco e especialmente o século XVII estabeleceu conexões voluntárias entre as artes plástica e literária, seria talvez interessante observar até que ponto tal recurso está subjacente à construção da obra de Soror Pimentel.

⁴ Sabe-se hoje que as *Meditações da vida de Cristo*, obra fortemente significativa da espiritualidade franciscana, não são da autoria de S. Boaventura, mas, com toda a probabilidade, de Fr. João de Caulibus, um religioso da Toscana. Esta informação, já adiantada em 1767 por B. Bonelli em *Prodromus ad opera omnia S. Bonaventurae*, aparece agora confirmada e

embora sem ser explicitada abertamente, a espiritualidade europeia ao longo de séculos⁵.

Aliás, o primeiro impulso, ao ler o *Memorial da Infância de Cristo*, foi situá-lo na esteira dessas *Meditações*, onde se esboçou, mesmo para o próprio Santo Inácio, a metodologia dos seus *Exercícios Espirituais*. Nas *Meditações*, encontramos o esforço de ver e de sentir todos os momentos da vida de Cristo, num impulso constante de meditação, para atingir a alta elevação, conforme o autor refere no Prólogo. Sendo o destinatário das *Meditações* a “amada filha”, a monja em geral, talvez esta difusão das *Meditações* junto dos conventos femininos tivesse determinado a matriz. Assim, nas *Meditações*, fornecem-se incontáveis pormenores da vida quotidiana da Sagrada Família, ao mesmo tempo que se fazem constantes incitamentos ao leitor do texto, para que se associe às situações descritas e as viva, adequando-as à sua situação pessoal:

Ya ves qué inmensa pena y angustia afligía a San José y a la Virgen
(p. 22)⁶.

Vinieron también los pastores, y le adoraron, refiriendo lo que oyeron a los ángeles (...) Pues tu que tanto tardaste hincas la rodilla y adora a tu Señor Dios y despues a su madre: y con reuerencia al sancto viejo Joseph: y de ay besa los pies del niño Jesu nascido en el pesebre y ruega ala señora que lo allegue a ti y te lo dexé tomar. Tomalo y tenlo en tus braços cõtempla cõ diligencia su rostro y besalo con reuerencia y deleytate enel con mucha

consolidada na recente e importantíssima edição crítica das *Meditaciones Vite Christi*, levada a cabo por M. Stallings-Taney, intitulada *Iohannis de Caulibus Meditationes Vite Christi olim S. Bonaventuro attributae*, Brepols, 1997.

⁵ Vejam-se as apreciações de Isaac VÁSQUEZ, *San Bonaventura Nella Storia Della Spritualità Spagnola*, in *San Bonaventura Maestro Di Vita Francescana E di Sapienza Cristiana, Atti Del Congresso Internazionale Per Il VII Centenario Di San Bonaventura Da Bagnoregio*, vol. III, Roma, Pontificia Facolta Teologica “San Bonaventura”, 1976, 440: “Misurare con precisione l’influsso di S. Bonaventura in Spagna sarebbe altrettanto difficile che valutare un’eredità che tutti riconoscono ricca, ma della quale nessuno possiede un inventario”.

Para Portugal, veja-se o trabalho de José Adriano de CARVALHO sobre a presença de S. Boaventura no movimento editorial, intitulado *Das Edições de S. Boaventura em Portugal nos Séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma Influência na História da Espiritualidade Portuguesa*, in *Archivo Ibero-Americano - Revista Trimestral de Estudios Historicos Publicada por los PP. Franciscanos*, Año XLVII Enero-Diciembre, 1987, 131-159.

⁶ Servimo-nos, no nosso cotejo com a obra do pseudo-Boaventura, da edição de 1542 de Pedro de Castro, em Medina del Campo, intitulada *Comiença el tractado del Seraphico doctor Sant Buenaventura en la contempañõ de la vida de nuestro señor Jesu Christo: agora nuevamente corregido y emendado*, 26. Transcrevemos o texto conforme o original do século XVI, desenvolvendo as abreviaturas e transformando em “um” e “en” os “u” e “e” com til, que o computador não consegue grafar.

*confiança. Esto hazer lo puedes porque el a los pecadores vino y por su salud dellos.”*⁷

De facto, a intencionalidade que se encontra na função incontornavelmente pragmática do *Memorial da Infância de Cristo* faz-se eco de todas estas preocupações.

A primeira impressão causada pelo *Memorial da Infância* é a de uma devoção afectuosa que a sua autora dedica à Sagrada Família e ao Mistério da Encarnação. Toda a narração está claramente orientada para o enaltecimento deste Mistério e para excitar no leitor (ou no ouvinte?) a adesão e a acção de graças pelas manifestações da misericórdia e da glória de Deus que a Encarnação encerra. Em todos os dez cantos do poema se reitera intencional e didacticamente este facto, de modo a sublinhar – não só junto do receptor, mas também para si própria, enquanto narradora –, em Deus, a misericórdia e a glória subjacentes ao seu projecto salvífico e, no homem, a necessidade de agradecer, enaltecer e festejar a libertação e redenção que, pela intervenção de Deus encarnado, nele se operou. Esta orientação é reiteradamente frisada, como dissemos, em cada episódio narrado, quer explicitada pela própria narradora, quer pela voz das personagens. No Prólogo ao leitor, afirma-se mesmo:

*Ainda que com grosseiro
Pinsel o pinto nacido,
Nas almas seja esculpido
Que seu amor verdadeiro
O pintarà mais luzido.*

*Todos com diuino aceio
Lhe fação cama de flores,
Porque hum minino que veio
Do Ceo, ferido de amores
Sempre deue andar no seio.*

*Sempre nas almas morada
Lhe deue ser concedida,
Pois dà a quem o conuida
Em premio dessa pousada
Luz, descanço, gloria, & vida.*

Parece de facto sentir-se perto o eco das recomendações e advertências do pseudo-Boaventura, logo no Prólogo:

⁷ *Comiença el tractado (...), 11.*

Entre las otras cosas que se predicán de las virtudes y alabanças de la Sacratissima virgen Cicilia: lee que siempre traya el euangelio de Christo ascondido en su pecho. Lo qual parece que se deue assi entender que de la vida de nuestro Señor Jesu Christo escripta en los euangelios tenia escondida para si algunas cosas mas deuotas: en las quales pensava de dia y de noche cõ limpio y entero coraçõ: y cõ limpia y mui deuota intenciõ. E acabado de contemplar en ellas: començando otra vez cõ dulce y suave sabor: quasi rumiãdo en ellas boluia a pensar en las cosas que cõ prudente consejo auia ya assentado en lo secreto de su coraçõ. E assi te acõsejo yo que hagas.

No *Memorial*, este didactismo não assume a estrutura de um discurso directamente dirigido a um destinatário, intercalado com um discurso narrativizado. No entanto, a dimensão didáctica subsiste, através da informação fornecida e das explicações teológicas ensaiadas. Sem qualquer preocupação de exaustão, citaremos alguns dos momentos que mais explicitamente desenvolvem esta posição didáctica e formativa:

*(...) Amor, de puro amor enternecido
Quero que veja o mundo vossa chama:
Verbo do peito meu, filho querido,
Em quem minha belleza se derrama,
Mostrai vossa sciencia omnipotente
Em reparar a pobre humana gente. (Estrofe 93, Canto I)*

*A escada se veja já pendendo
Do alto Ceo à Terra cà lançada;
Porque venha a ser homem Deos descido,
E o homem vâ fazer com Deos morada:(...) (Estrofe 8, Canto II)*

*(...) Seu berço tem de palhas, & sobre ellas
Dos olhos perlas liquidas derrama,
As quais apura amor em frêgua viua
Para resgate da alma que he catiua. (Canto III, Estrofe 56)*

*Vem a sagrada Mãi com ser donzella,
No seu bello Minino estar suspensa:
E como elle seus raios lança nella,
Ficalhe claridade mais immensa:
Vem, como aquelle Deos, q. naceo d'ella,
Para remediar de Adam a offensa
Padecendo o rigor do cruel frio,
Lançando estaua lagrymas em fio. (Canto IV, Estrofe 28)*

*Nome, em que o Padre eterno se recrea,
Que illustre o Ceo de gloria & fermosura,
O qual seu filho tem por boa estrea,
Porque com elle salua a creatura:
Nome, que faz fugir a morte fea,
E com seu sangue puro sò procura,
Para o mundo remir, fazerse escrauo,
Tomando em si de Adam o S. & crauo. (Canto V, Estrofe 55)*

*(...) No dia, em que as portas de diamante
Abrio o Ceo que estaua endurecido,
Que foi là quando Christo Deos amante,
para nos redemir, quiz ser nacido,(...) (Canto VI, Estrofe 13)*

*D'aquelle sol divino, que nacia
Para o mundo livrar da sombra escura,
E morte do peccado, em que vivia: (Canto VI, Estrofe)*

*As luzes, que da luz trina a Essencia
Vem mais clara, que o sol ao meio dia,
Tendo impressas as cifras da sciencia
Em sua illuminada theophania,
Aa mesa vem fazer doce assistencia
Com summa reuerencia & cortezia,
Vendo que come alli, Deos feito humano,
Para fazer ao homem soberano (Canto VIII, Estrofe 52)*

*Foi tão forte este laço, & verdadeiro
Entre a diuina & humana natureza,
Que nem no vltimo ponto derradeiro
Pode a morte romper sua firmeza.
Naquelle estreito abraço, em que primeiro
Quiz Deos consigo unir nossa baixaza,
Ficou, com lhe ficar o corpo em calma,
Quando por nos dar vida, deo sua alma. (Canto IX, Estrofe 3)*

*(...) Visitava os santissimos lugares,
Nos quais este Senhor, cordeiro manso,
Sem abrir sua boca emmudecido
Auia de ser morto, & Adam remido. (Canto X, Estrofe 45)*

No entanto, não só nesta proximidade de intenções radica o substrato residual das *Meditações* sobre o *Memorial da Infância*. Ao longo dos dez cantos que compõem este poema heróico, patenteiam-se ecos e reminiscências boaventurianas, para as quais este trabalho vai chamar a atenção, no sentido de salientar e valorizar a importância desta obra atribuída a S. Boaventura na formação da espiritualidade monástica feminina.

Salvaguardadas as distâncias naturais entre uma obra em prosa e outra em verso e, sobretudo, entre um tratado espiritual e um poema heróico, que obedece, necessariamente, a rigorosos códigos internos a que o vincula a necessidade da imitação, as semelhanças entre as *Meditações da Vida de Cristo* e o *Memorial* vão-se desenhando logo desde o primeiro canto. Assim, quando em Mesquita Pimentel, no canto I, Deus dá sentença de morte a Adão, gera-se de imediato, como que numa transposição do épico episódio camoniano do Concílio dos Deuses, uma audiência entre Deus, o Amor, a Misericórdia e a Justiça. Também no pseudo - Boaventura a Misericórdia, a Paz, a Justiça e a Verdade são chamadas a dar a sua opinião sobre o cumprimento ou não da Redenção: “Llamen a vuestras hermanas: que veys que os son contrarias: y oyamos tambien a ellas”⁸. Para além deste paralelismo de situação, existe ainda um paralelismo que se projecta a nível da selecção frástica e das estruturas gramaticais. Veja-se o “*muerá todo adan con quantos con el seran: porque comio la mançana contra mi mandamiento*”⁹ das *Meditações*, proferido pela Verdade e o anafórico *Morra*, proferido pela Justiça, com que Soror Pimentel faz suceder várias estrofes do poema:

*Morra, porque con frechas de ira brava
He justo se castigue hum insolente,
Que da razão rainha fez escrava,
E o appetite poz por presidente:*

(...)

*Morra, quem possuindo todo o mundo
Peccou, por comprar gosto tão ligeiro;*

(...)

*Morra, quem por amor de hum cego engano
O mundo fez ficar todo perdido: (est. 69 - 71, pp. 12 v. e 13).*

Outro paralelismo de situação se desenha no final do episódio. No pseudo-Boaventura, depois de ultrapassadas as divergências, “La

⁸ *Comiença el tractado (...), 2.*

⁹ *Comiença el tractado (...), 2v.*

misericordia y la verdad se encontraron: y la justicia y la paz se besaron”¹⁰.
Em Soror Pimentel, afirma-se, a encerrar o canto:

*Assi por estes termos superiores
Com jubilos de gostos excessivos
Junta a Iustiça com Misericordia
Para sempre sem fim terão concordia.*

Quando parece dar cumprimento à função didáctica de levar o seu leitor a visualizar as cenas da história divina, Soror Maria Pimentel retoma, do ponto de vista lexical, elementos que a obra atribuída a São Boaventura utilizara nos seus conselhos às religiosas:

Mira a que y acuerdate de lo que te diré (...) pues has de considerar aqui y poner en tu ymaginaciõ como pudieres a Dios; porque es incorporeo. Mas contempla lo como un gran señor assentado en una silla muy alta con su rostro benigno piadoso y como de padre: quasi que quiere ser reconciliado diciendo palabras de reconciliacion y amistad.”¹¹ (...) Porque debes saber que la excelente obra de la Encarnación, la hizo toda la trinidad, aunque sólo se encarnó la persona del hijo (...) Pues aunque en todas partes está la Santissima Trinidad, no obstante, debes considerar que ahora está allí de una manera singular.¹²

No canto II, também a propósito da Encarnação, explica Mesquita Pimentel:

*O Padre, o Filho, o Amor num ser Deos trino,
Mouido com affecto de clemencia
Lançando raios, como sol diuino,
Do alto throno de sua omnipotencia:
Penetrando o clamor doce e benino... (p. 19)
(...)
Estando Deos no throno luminoso (estr. 40, p. 24)*

Ainda na série de recomendações feitas à “amada hija”, S. Boaventura afirma:

Lo quinto que pedia era que me hiziesse ver el tiempo em que fuesse nascida aquella Sanctissima virgen que auia de parir el hijo de Dios: y que me conseruasse mis ojos con que la pudiesse ver y mis orejas cõ que la

¹⁰ *Comiença el tractado (...)*, 3v.

¹¹ *Comiença el tractado (...)*, 5v.

¹² *Comiença el tractado (...)*, 12.

*pudiesse oyr y mi lengua con que le pudiesse alabar y mis manos con que la pudiesse servir(...)*¹³

Soror Pimentel segue de muito perto este conselho:

Que huma Virgem, que tal sempre seria,

O forte Emmanuel Deos pareria (p. 25)

(...)

Oo quão ditosa & alegre fora agora!

Que riquezas, que gloria possuira

Se vendo já nascida esta Senhora,

Com meus olhos mortais tanto bem vira! (p. 25, estr. 47 e 48)

Aquando da Anunciação do Anjo, Boaventura refere: *Entonces se hincó de rodillas como su Señora* (p. 15). Soror Pimentel também apresenta o Anjo como quem poz o gíolho em terra *absorto em glorias/ Na rara perfeição da alta Princeza* (p. 27, estr. 59).

Continuando a seguir os mistérios passo a passo – se bem que alguns sejam quase omitidos por Soror Pimentel e amplamente desenvolvidos pelas *Meditações*, diferença que haverá que retomar, para ensaiar uma explicação, mais tarde – São Boaventura afirma, no mistério da Visitação, que Nossa Senhora vai acompanhada de damas como a pobreza, a humildade e o *adorno de todas as virtudes*¹⁴. Esta representação alegórica da perfeição de Nossa Senhora é também aproveitada por Soror Pimentel, embora noutro mistério, o da Anunciação, uma vez que praticamente Soror Maria Pimentel omite a cena da Visitação. Assim, embora em outro lugar, a inspiração do desdobramento das virtudes de Maria em outras tantas alegorias é retomado por Soror Pimentel, para caracterizar a excelência da futura Mãe de Deus, antes de o Anjo transpor a porta da casa de Maria:

Vio que guardava a porta hua donzella

Mais luzente que o sol ao meio dia,

Tremula scintillava como estrella,

Hua roupa brilhante que vestia:

Acesa em sua mão tinha hua vela

Com hum rico letreiro que dizia:

A luz, a intelligencia da verdade

Alcança de Maria a castidade.

Iunto d'ella com rosto alabastrino

¹³ *Comiença el tractado (...)*, 4.

¹⁴ “Van cõ ella la pobreza la humildad y la verguenza y la honestidad de todas las virtudes (p.8).

Outra dama de sol toda ilustrada
(...)
Estaua com hum cofre crystallino,
E huma letra nelle bem grauada,
Que diz: A humildade verdadeira
Das graças de Maria he tesoureira.

Outra de fermosissimo sembrante
(...)
Tinha em cifra outra letra, que dizia:
Abre Maria o Ceo por excellencia
Com o fiat de sua obediencia,
(...)
De outras mil diuinissimas figuras
Vio o Archanjo a casa rodeada,
Que são as graças, doens, virtudes puras.
De que a virgem Maria foi dotada:(...) (estr. 53-58, pp. 26 v. e 27)

Esta descrição alegórica poderá ter tomado inspiração também na tradição literário-teatral dos breves e cimeiras. Soror Pimentel volta a servir-se dela quando S. José, na viagem para Belém, encontra uma casa com personagens alegóricas, das quais ele só escolhe a pobreza para companhia.

O nascimento de Jesus é narrado por S. Boaventura com uma linguagem afectiva, orientada por uma necessidade de frisar teologicamente a virgindade perpétua de Maria. O mesmo faz Soror Pimentel, recuperando de muito perto situações e léxico. Aliás, uma das preocupações de Soror Mesquita Pimentel é justamente expor doutrina teológica, explicando-a, e servindo-se para tal dos códigos da linguagem épica, que possibilitam a emergência do extraordinário, do maravilhoso, etc..

Luego el hijo de Dios eterno sin ninguna pena ni lisiõ en vn momento assi como era enel vientre: assi sahio fuera del sobre el heno a los pies de su madre. La qual le abaro prestamente y apañandolo y abraçãdolo dulcemente pusolo en su regaço a dõ enseñada por el spiritu sancto començo de lauarle todo el cuerpo cõ su leche de que estaua llena su teta por virtud de Dios (...) Mas la madre hincadas las rodillas le adoraua y dãdo gracias dezia a Dios (...)¹⁵

Do ventre de Maria soberano
Temporalmente nace, sendo humano.
(...)

¹⁵ *Comiença el tractado (...), 10-10 v.*

Não sente dano algum dentro do peito,
 Ficando são, parindo seu conceito.
 (...) *Na terra vio da gloria estar a alteza*
Num corpo de crystal, todo luz pura:
 (...)
 De gíolhos se poz *profundamente*
 Adorando *por terra o ser diuino*
 E com materno amor, mas reverente
 Nos braços de marfim toma o minino:
 (...) O filho aos peitos poem, *que geme e chora,*
 E humilde diz ao Pai, *que no Ceo mora.*

Embora exaustiva – mas por isso mesmo significativa – esta aproximação está longe de se esgotar nestes traços apontados. O mesmo recurso ao léxico, desta vez com valor simbólico, é recuperado por Soror Pimentel, para referir a maravilha do acontecimento do nascimento: *Y los cielos por todo el mundo stillando miel, y cantando los angeles en la tierra*¹⁶. Soror Pimentel diz ter sido S. José que, *Vio, os olhos abrindo, o Ceo aberto,/ Que destillaua leite & mel diuino* (p. 52, estr. 37).

A propósito do nascimento do menino e dos louvores consequentes, S. Boaventura afirma: *y fue manifestado el nombre & nuestra salud que es Jesus:el qual ab eterno le fue posto*¹⁷. *Este es el nombre que es sobre todo nombre*¹⁸. Soror Mesquita Pimentel expande imenso esta referência, exaltando o nome de Jesus com uma dimensão verdadeiramente épica, entre as estrofes 56 e 83, mas, em tal extensão, as expressões de contaminação encontram-se na mesma, apesar de mais distanciadas:

Nome supremo, eterno e inaudito
 Nome que quer dizer misericórdia
 (...)
 O nome de Jesus, o qual nos salua
 Dà vitoria na mais mortal peleja
 (...)
 Ai, meu doce Jesus, de amor ferido,
 Nome que salua o homem, & o redime
 (...)

¹⁶ *Comiença el tractado (...), 11 v.*

¹⁷ *Comiença el tractado (...), 12.*

¹⁸ *Comiença el tractado (...), 12.*

Nome de graça e gloria enriquecido,

E nome sobre todos mais sublime... (p. 56, 60 e 79v, respectivamente).

No episódio da Circuncisão, de regresso a casa, Maria consola o filho sofredor e sofre por ele. S. Boaventura afirma que *la madre alimpiaua los ojos del hijo y los suyos, juntando su rostro con el suyo, dauale la teta y consolaualo con todas las maneras que podia*¹⁹. Soror Pimentel dramatiza mais o episódio, através do discurso directo, mas situa-se sempre na esteira da sua matriz de base, ao dizer:

Se esta amorosa mãe, que vos alenta,

He, filho, para vós porto seguro,

Tomai saido ja desse naufragio

D'estes maternos peitos o sufragio (p. 79 v, estr. 84)

Na Apresentação no Templo, é comum entre estes dois autores a hesitação entre rolas ou pombas que Nossa Senhora terá oferecido: “duas rolinhas amorosas ou dous pombinhos polidos”(estr. 73, p. 92) e *compraron dos tortolas, o dos palominos para offrecerlos por el*²⁰ e *sinó que compró unas tórdolas o palominos* (p. 41). E acrescenta o santo: *assi como se hazia por los pobres. Y porque ellos eran muy pobres, mas de creer que cõpraron de los palominos: porque mas ligeramente y por monosprecio se hallauan*²¹. Soror Pimentel afirma por seu lado:

O virginal Ioseph mui diligente

As rolinhas, que tem pobre valia,d

Entrega à doce esposa humildemente,

Como oferta, que a pobres pertencia. (estr. 97, p. 96)

O mesmo paralelismo se encontra ainda neste episódio da Apresentação, quando S. Boaventura diz que *atras ellos la virgen madre lleuando al rey de la gloria Jesus; (...) e assi fue la procession destes, hecha los quales (...)*. Ou ainda: *De aqui vã al altar en procession la qual se repreeta por todo el mundo*²² Soror Pimentel, no mesmo passo, refere a mesma atitude:

Toda com grande applauso & alegria

Em procissão se está offrecendo,

E por ir nella o filho de Maria,

Os Anjos vão as azas encolhendo. (p. 95, estr. 86)

¹⁹ *Comiença el tractado (...), 12v.*

²⁰ *Comiença el tractado (...), 15.*

²¹ *Comiença el tractado (...), 15.*

²² *Comiença el tractado (...), 15.*

Ambos os autores referem também que *es redemido el señor assi como sieruo por cinco siclos a la costumbre*²³ ou já em forma de escravo foi resgatado com cinco siclos (cf. Pimentel p. 97, estr. 101).

Enumerar-se-ão apenas mais duas ou três proximidades mais significativas.

Quando vão para o Egipto, são obrigados a fugir de noite e, por isso, a acordar o menino que supostamente está a dormir.

*Contempla bien las cosas sobre dichas; y esta en ellas: y como leuãtan al niño Jesu que dormia: cõsidera assi mismo lo que haze al niño Jesu quãdo lo despiertan y no le deran ya holgar: y ayas compassion dellos*²⁴

Soror Pimentel narrativiza esta incitação e diz:

Sente o santo Ioseph, serlhe forçoso

Acordar o minino Deos eterno

Que dorme sossegado & amoroso (estr. 19, p. 101).

Além disso, a estrada que percorrem é longa: *y auian de yr por caminos asperos: no siendo dispuestos para caminar*²⁵. Refere ainda que iam em egipto por camino desierto obscuro môturoso aspero inhabitable: y tambien por muy luenga via²⁶. Em Soror Pimentel, *Por medonhos desertos vão andando* (estr. 41, p. 105) e *Vão seguindo caminho tão comprido* (p. 104 v, estr. 40).

A estadia no Egipto dura sete anos e ambos referem este facto: *Siendo ya cumplidos siete años en los quales nuestro señor anduuo peregrinãdo*²⁷. Soror Pimentel refere o facto enfeitado das referências mitológicas que codificam o poema épico e que enlaçam o profano ao religioso: *Sete vezes em carro reluzente/ Fez o fermoso Phebo Abril florido* (estr. 78, p. 125 v.)

Outro facto curioso, que vem talvez da tradição dos evangelhos apócrifos, pois não aparece registado nos canónicos e que é altamente improvável, por extraordinário, é que a Sagrada Família, na sua fuga, ao percorrer o deserto, encontra S. João Baptista pequenino²⁸. Caminham pois

²³ *Comienza el tractado (...), 15 v.*

²⁴ *Comienza el tractado (...), 16 v.*

²⁵ *Comienza el tractado (...), 17.*

²⁶ *Comienza el tractado (...), 17 v.*

²⁷ *Comienza el tractado (...), 19 v.*

²⁸ A importância destas *Meditações da Vida de Crito* como obra de síntese das características fundamentais do novo franciscanismo saído do século XIV reside sobretudo no facto de esta obra constituir, como afirmou J. Marrow em *Circumdederunt me canes multi: Christ's Tormentors in Northern European Art of the Late Middle Ages and early Renaissance*, in *Art Bulletin*, 59, 1977, 167, "the first comprehensive biography of Christ containing regular and extensive interpolations

mas como fueron ya quasi en fin desl desierto: hallaron o Sant Juan Baptista: el qual auia ya comenzado alli la penitencia: aun que ningun peccado tenia. Dizen que aquel lugar del rio Jordan do San Juã baptizo a Christo es aquel lugar por do passaram los hijos de Israel... y que cerca de aquel lugar hizo Sant Juan penitencia en el dezierto; Y assi possible es que el niño Jesus passando por alli en su jornada lo hallo alli. Pues contempla como lo recibio alegremente, y que estando alli algun poco tiempo: comieron aquellos manjares crudos que sant Juan alli comia²⁹ Comieron con el Bautista de aquellos manjares crudos que él tenía (p. 62). E Boaventura refere-se a S. João Baptista não como criança que ainda era, mas como aquele que fue el primero hermitaño principio y camino de los que quieren biuir en religión. Y ve que tambien virgen muy limpio: grandissimo predicador: mas que propheta y martyr glorioso³⁰. Por sua vez, Soror Pimentel também relata, com mais pormenor ainda, que :

*Offereceo à mãi da vida eterna
O minino gigante na grandeza
Logo de mel silvestre hum seu tarrinho
Para ella, são Ioseph, & o cordeirinho (estr. 44, p. 133 v.)
(...)
Comeo Iesus, Maria, & Ioseph santo
D'aquelle doce mel delicioso, (estr. 45, p. 133 v.)*

E refere também S. João como *Precursor decretou ser do Messias/ Claro espelho dos homens penitentes,/ Propheta sem igual, que excede a Elias* (estr. 39, p. 132 v.)

Por último, analisem-se as correspondências a nível dos verbos, das situações, dos diálogos e dos monólogos interiores que se verificam entre o último canto do *Memorial* e o cap.XIV das *Meditações*.

Diz S. Boaventura:

of extra-Gospel narration". De facto, esta síntese de evangelhos canónicos e apócrifos parece ter sido favoravelmente aproveitada por Soror Pimentel.

Para além disso, a arte em geral, e particularmente a pintura, foram herdeiras desta tradição dos apócrifos, provavelmente a partir da enorme divulgação das *Meditações*. Efectivamente, são inúmeras as obras de pintura europeias que dedicam a este episódio da fuga do Menino com seus pais para o Egipto um interesse reiterado. Vejam-se, por exemplo, os quadros de Bernardino Luini, "La Sagrada familia con San Juan", de Tiziano Vecellio "Descanso en la huida a Egipto" e de muitos outros pintores que a este tema se dedicaram.

²⁹ *Comiença el tractado (...), 21.*

³⁰ *Comiença el tractado (...), 21.*

*Viendo nuestra señora a Joseph sin al niño: el qual creya que bolueria con el preguntole a do esta el niño. Respondiolo el no se que no boluio comigo; yo creyera que cõtigo boluiesse. Entõces ella lastimada y turbada de gran dolor viro con lagrimas: No boluio comigo veo que no guarde bien mi hijo*³¹

Em Soror Pimentel, o mesmo episódio do Menino perdido entre os doutores tem um desenvolvimento semelhante:

*Cuidava a singular Virgem Maria
Que leuaua Ioseph seu filho amado:
Cuida o Santo que vai na companhia
Da Santissima Mãe Deos disfarçado* (estr. 18, p. 144)
(...)
*A Virgem os bellos olhos leuando
Com pranto, que de puro amor nacia
Por seu filho a Ioseph vai perguntando,
Seu bem, seu refrigerio, & alegria.
E elle com suspiros despertando
Do sono em que o tormento o suspendia,
Tendo do rosto a cor quasi defunta,
Pello minino a medo lhe pergunta.* (estr. 15, p. 145)

Os remorsos de Maria dão lugar em S. Boaventura a um momento de monólogo, que traduz todo o dramatismo da vivência que se quer levar a meditar: *O tu torna para mi. Perdona me por esta vez; que nunca acontecera que yo tenga negligencia en te guardar*³². Soror Pimentel faz o mesmo, recuperando léxico e conteúdo:

*Perdaõ vos pesso agora reverente,
Tornai, rico thesouro, amada prenda,
Tornai, que vós vereis a minha emmenda.* (estr. 38, p. 149).

Quando encontram finalmente Jesus no Templo, S. Boaventura reproduz deste modo a cena do encontro: *Hijo porque lo hiziste assi con nosotros; Yo y tu padre con mucho dolor te auemos andado a buscar*³³. Soror Pimentel praticamente decalca esta cena:

*Filho (lhe diz a doce mãi querida)
Que vosso pai & eu (ferido o peito)*

³¹ *Comiença el tractado (...), 22.*

³² *Comiença el tractado (...), 22 v.*

³³ *Comiença el tractado (...), 22 v.*

Vos buscamos, de dor perdendo a vida (estr. 75, p. 155).

Como se vê deste cotejo, parece profundamente boaventuriana a estruturação deste *Memorial*, desde o conteúdo, ao léxico, às estruturas sintácticas e discursivas, aos mecanismos de enunciação, ao recurso da alegoria, etc.³⁴. Tal facto leva-nos a suspeitar da presença dominante e determinante das obras do santo nos mosteiros femininos, que à sua volta terão construído uma espiritualidade e uma literatura orbitante. Sabe-se o quanto a reforma beneditina, marcada pela *devotio moderna*, procurou renovar a espiritualidade espanhola, recuperando, justamente, essas *Meditações*(...) então atribuídas a S. Boaventura, que Garcia de Cisneros fez inclusivamente editar na sua tipografia.

Com o *Memorial da Infância de Cristo*, está o leitor perante um dos muitos poemas épicos que, na esteira do sucesso de Camões, pautaram a escrita literária, ao longo do século XVII. Todavia, se entre a maior parte deles se pode encontrar uma uniformidade temática, em torno da exaltação dos valores pátrios, na senda de um sempre dificilmente convincente autonomismo ou espírito nacionalista, como pretendia Hernâni Cidade, o poema de Soror Pimentel situa-se no filão dos poemas heróicos de temática religiosa, mais concretamente no domínio da literatura de devoção. E, também neste ponto, se aproxima da tradição boaventuriana, que nos legou uma espécie de evangelho da infância, a *Infantia Salvatoris*, embora se deva ter em conta as inúmeras obras que, um pouco por toda a Europa, cantaram a vida de Cristo.

Quer a devoção à paixão de Cristo – anunciada no *Memorial* do mesmo nome – quer a devoção à Encarnação são exemplos de momentos diversos, mas complementares, de um movimento espiritual pós-renascença, que procurava acentuar os traços da humanidade de Cristo, em detrimento da preferência pela sua divindade, que caracterizara a piedade cristã medieval. Um pouco o que havia feito o pseudo-Boaventura com as *Meditações da Vida de Cristo* – e daí o seu influxo mais tardio na P. Ibérica, que procuram realçar esses traços da humanidade, por contraste com o que

³⁴ É evidente que nos regulamos por uma pauta castelhana, supondo que terá sido nessa língua que Soror Pimentel terá contactado com a obra. Efectivamente, o Latim poderia ser uma língua comum nos mosteiros masculinos, mas estamos em crer que a formação cultural feminina nessa altura, salvo algumas excepções pontuais, estava pouco apetrechada para captar, em Latim, todos os conteúdos de uma obra como esta. Os inventários das bibliotecas monásticas femininas que estudámos e interpretámos permitem-nos concluir que a percentagem de obras em Português era a maior, logo seguida das obras em Castelhana. O Latim aparece muito raramente nestes contextos, à excepção, claro, dos livros litúrgicos. Ver Isabel MORUJÃO, *Livros e leituras na clausura feminina portuguesa: apresentação, representações* (no prelo).

fará Ludolfo de Saxónia com a sua *Vita Christi*, onde acentuará a divindade de Cristo.

Ora, no séc. XVII, a Encarnação e a Paixão constituíram os alicerces fundamentais da piedade cristã e representaram, a nível da poesia religiosa da P. Ibérica, os temas de maior preferência. A todo este movimento devocional centrado na humanidade de Cristo não é estranha uma certa estratégia de precaução contra possíveis identificações das religiosas com o movimento dos *alumbrados* e de seitas afins, que também em Portugal tiveram a sua repercussão. Os iluminados propunham, entre outras coisas, que o caminho para Deus se fazia pela contemplação da sua divindade e não da sua humanidade.

O poema é dedicado à Virgem Nossa Senhora do Desterro, inserindo-se, por este modo, na longa e fortíssima tradição de devoção portuguesa a Nossa Senhora. A Encarnação e a Redenção que, como vimos, este poema celebra, só se tornaram viáveis pela aceitação mediadora de Maria, figura necessariamente remissiva, na compreensão e adoração destes mistérios, a quem a poetisa chama “magnífica reparadora da geração humana”. “Por vòs, esperança nossa, deceo ao mundo a benção celestial, & a graça da felicidade eterna de vòs tomou carne, & de vosso ventre virginal sahio aquelle Minino Iesus verdadeiro Deos & homem, principio, meio, & fim de nossa saude, o qual vos eu torno agora a offerecer, Rainha dos Anjos, no mesmo estado, em que com elle enriquecestes de luz, de uida, de saluação ao mundo todo”.

É por estas afirmações, entre outras, que o poema se torna, simultaneamente, um memorial de celebração e devoção da Virgem, figura que assume, na globalidade de toda esta narrativa, um papel de destacado relevo. Pertencem-lhe de facto alguns dos melhores momentos de efusão lírica do poema (cf. canto VII e X). No canto IX, a personagem alegórica sapiência, numa linguagem visionária e profética em tudo conforme aos cânones da epopeia, antecipa, numa extensa prolepse, o papel mediador e auxiliador dos aflitos que será cumprido por Nossa Senhora. Assim se confirma a continuidade da glória de Maria no tempo.

Observe-se, no entanto, que, para além desta preocupação com a meditação na humanidade de Cristo e desta filiação explícita às *Meditações da Vida de Cristo* do Pseudo Boaventura, este *Memorial* apresenta outras características assinaláveis ao nível da sua organização e da sua progressão discursiva, que há que situar e entender. Todo o *Memorial...* é, no fundo, uma aplicação recorrente e sistemática da contemplação e da composição vendo o lugar, expressões que devemos atribuir a Santo Inácio e que o uso vulgarizou, mas cujo conteúdo e metodologia já se encontram amplamente explicitados nas *Meditações* do pseudo Boaventura. Os imperativos, os presentes de aconselhamento e a recorrência dos verbos *considerar*, *ver* e *mirar*, nas *Meditações*, são disso prova:

Mira, por Dios, aquí, y considera cómo toda la Trinidad está allí esperando la respuesta y consentimiento de esta su hija singular (p. 14).

Puedes piadosamente considerar cómo el Hijo, a la manera de quien recibe una obediencia y cargo penoso, se inclinó y encomendó al Padre (p. 14-15).

Considera, pues, aquí, cómo la reina del cielo y de la tierra camina sola con su Esposo (p. 18)

Compadécete también especialmente de que Nuestro Señor Jesucristo está en continua aflicción, y estuvo en ella desde el primer instante de su concepción" (...) Ves pues cuán ricas viandas te ofrece esta consideración; si quieres sentir su dulzura, rumíalas con diligencia y mui repetidas veces. (p. 24)

Has visto el nacimiento del sacratissimo Príncipe; has visto también el parto de la Reina del Cielo (p. 26)

También tú, que tanto has tardado en visitar a tu Dios, arrodíllate y adora a tu Señor, y después a su Madre, y con reverencia saluda también al santo anciano José (p. 31)

Mira bien aquí todas las cosas que se dicen y hazen³⁵

Todas estas meditações são trazidas para um plano de proximidade, conseguido pelos elementos da *deixis*, que mostram, presentificam, tornam próximas todas as cenas que se pretendem levar a contemplar e a vivenciar. Daí os pessoais *tú*, os possessivos *tu*, os imperativos presente, os demonstrativos *este* (*Con razón es este un día de júbilo* (p. 32)), os *aquí* e os *allí*, etc., de forma a que *te hayas cómo si estuvieras presente y mires bien cada una de las cosas que suceden, porque, como en otros lugares te tengo dicho, en esto consiste toda la eficacia de estas meditaciones.*³⁶

Efectivamente, é possível dizer-se que, em cada canto do *Memorial da Infância de Cristo*, o encadeamento e a multiplicação das estrofes, que prolongam muitas vezes o enredo até à exaustão do pormenor (e da paciência...), não têm outra função para além da de seguir de muito perto estas ou outras ... orientações. Terá sido este o meio encontrado por Soror Maria de Mesquita Pimentel para mover e conformar os afectos, primeiro das religiosas do seu convento, depois do público em geral, os *leitores prudentes*, como os nomeia no prólogo que antecede a edição do seu poema. Assim,

³⁵ *Comiença el tractado (...), 21 v.*

³⁶ *Comiença el tractado (...), 39.*

através do exercício da arte verbal, concretamente do poema épico, Soror Pimentel contribuiria, pelo menos *intra muros monasteri*, para a consolidação da devoção e da meditação e para promover o louvor a Deus.

Todos os pormenores imaginativos com que encharca o texto provêm, nitidamente, de uma prática bastante treinada nos exercícios de meditação e de consideração nos pormenores da vida de Cristo:

*Ajunta a ferramenta com presteza,
E como he muito pobre de fazenda,
Num fardo sua tão rica pobreza
Faz o Santo diuino que se estenda:
Abre, vencendo o vento em ligeireza,
Sem que ninguem o sinta, nem entenda
A porta, tendo bem mão na couceira,
Porque não faça officio de palreira* (p. 102 v., estr. 28)

*Ioseph, que em cordeal amor se inflama,
Lhe nega por industria sabiamente
Aquella deleitosa & doce cama
Dos braços que lhe daua reuerente:
E a neuada mão, que adora, & ama,
Do candido minino, & excellente
Lhe liga, indo com elle os pés mouendo,
Para que Deos a andar va aprendendo.* (p. 119 v., estr. 41).

*A Virgem agradecida, & cuidadosa
Começa de prouer logo hum cestinho
Dos paninhos, que da arca venturosa
Tirou para enuoluer o sacro arminho:(...) (Estrofe 38, Canto III)*

*O Patriarca ajunta a ferramenta,
Em que, sendo tão nobre, se recrea;
E porque com mui pouco se contenta,
Accommodou no alforje a pobre cea:(...) (Estrofe 39, canto III)*

*Caminhão a Belem; muito lhes custa
Esta jornada em tempo tão nociuo:
O vento tudo fere, & tudo adusta
Co rigor de seus sopros excessiuo:(...) (Estrofe 41, Canto III)*

*Indo com cuidadosa vigilância,
Pela derrota aspera & fragosa,
Vio huma casa debil, pobre estancia
Exposta ao vento & agua fluctuosa: (...) (Estrofe 43, Canto III)*

Outro modelo poderia estar subjacente a estas expansões textuais, que são, como se disse, o contraponto discursivo do desenvolvimento de determinado ponto a meditar: Os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, que conheceram intensa difusão e fama no século XVI na P. Ibérica. Curiosamente, há quem sustente³⁷ que o início do séc. XVII vai reduzir a sua projecção, para os voltar a relançar em grande escala a partir de finais de XVII e, sobretudo, no século XVIII. De facto, em Santo Inácio, embora através de uma linguagem concisa e disciplinada, exorta-se o exercitante à prática constante da composição vendo o lugar (cf. [112], 2º preâmbulo da 2ª semana), a “ver com a vista imaginativa” (cf. [91], 1º preâmbulo e [112], 2º preâmbulo), a “recordar a história da coisa que tenho de contemplar” (cf. [102], 1º preâmbulo), a “ver”, “considerar”, “ouvir”, “atender” (cf. [106, 107 e 108], etc., indo as direcções no sentido de propor o que se contempla e o modo como se contempla, nestes aspectos realizando fortes aproximações ao texto do Pseudo Boaventura:

Ver as pessoas, a saber: ver a Nª Senhora e a José e à criada e ao menino Jesus, depois de haver nascido, fazendo-me eu um pobrezinho e escravozinho indigno, olhando-os, contemplando-os e servindo-os em suas necessidades, como se me achasse presente, com todo o acatamento e reverência possíveis. Depois, reflectir em mim mesmo, para tirar algum proveito ([114], 1º ponto).

Não se sabe quem, neste ponto, poderá a religiosa ter seguido: se o pseudo-S. Boaventura, que marcou a sua pauta discursiva e ideológica, se Santo Inácio, que Soror Maria de Mesquita Pimentel também poderia conhecer. Esta última hipótese colocou-se-nos com alguma intensidade, quando nos detivemos com maior pormenor na análise do canto I do

³⁷ É esta a opinião de Ignacio IPARRAGUIRRE, *Practica de los Ejercicios de San Ignacio de Loyola: Evolución en Europa durante el Siglo XVII*, Roma, 1973, 173-174, quando afirma, acerca da vitalidade dos *Exercícios Espirituais* na P. Ibérica, no séc. XVII: “Necessitamos insistir en este hecho para evitar falsas interpretaciones. Es este posiblemente el capítulo más pobre y desconcertante del volumen. Las noticias concretas de ejercicios y de ejercitantes son muy escasas. Todo él forma un fuerte contraste con los anteriores pletóricos de datos, proyectos, nombres de apóstoles de ejercicios y de obras.

Pero el silencio de las fuentes tiene su historia y es necesario conocerla. Por ello no nos hemos reducido a señalar los pocos datos que existen, sino que hemos estudiado el ambiente, las causas del fenómeno. El análisis de los hechos nos ha llevado a la conclusión, como explicaremos más despacio en seguida que si en la península ibérica se dieron menos ejercicios, no estuvo menos vigente que en otras partes el conocimiento y el amor a ellos, incluso que se profundizó más en una forma explícita se debió a que aquellos Padres guiados precisamente por los principios ignacianos decidieron extraer el espíritu y encarnarlo en los demás ministerios. Daban los ejercicios en su forma más pura a los pocos que creían podían aprovecharse de ellos. A los demás les ofrecían el manjar diluido en otras formas.”.

Memorial, concretamente quando o leitor se detém por momentos no argumento-sumário que inicia cada canto. Aí se diz:

*Criou Deos aos Anjos soberanos
Lucifer rebellou contra elle logo;
Cahio, por pensamentos ter insanos,
Para sempre sem fim, no eterno fogo:
Formou Eua, & Adam, pais dos humanos,
O qual enternecido de seu rogo
Comeo do singular fruto vedado
Perdeose, & Deos salualo tem traçado. (p. 1)*

De facto, se atendermos a que, na sua essência de sumário, este paratexto se concentra na estrutura fundamental do canto primeiro, somos, através dela, e através do desenvolvimento que o poema fará, levados a pensar num outro texto, cuja estrutura fundamental é semelhante: os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio.

Assim, o leitor apercebe-se da ideia de Pecado dos Anjos, pecado de Adão e, implicitamente, pecado dos homens (“pai dos humanos”), que é justamente a estrutura da 1ª semana dos *Exercícios Espirituais* e da ideia de Trindade, Encarnação e Combate Espiritual, que corresponde, ainda que grosseiramente, à estrutura da 1ª parte da 2ª semana de exercícios. Efectivamente, o 1º exercício da 1ª semana consiste na meditação com as 3 potências da alma sobre o 1º, 2º e 3º pecados:

O primeiro ponto será aplicar a memória sobre o primeiro pecado, que foi o dos anjos: como sendo eles criados em graça, e não se querendo ajudar na sua liberdade para prestar reverência e obediência a seu Criador e Senhor, ensoberbecendo-se, foram convertidos de graça em malícia, e lançados do céu ao inferno ([50], p. 43).

É exactamente por esta disputa entre os anjos de Deus e Luzbel que se inicia o *Memorial da Infância de Cristo*, inspirando-se, para tal, no episódio da “meditação das duas bandeiras”, que aparece na 2ª semana e daí retirando a expressividade com que, epicamente, se trabalha o tema.

*Imperiosamente a Diuindade
Lhe mandou q. adorasse a Deos humano,
Tomando d'elle exemplo na humildade
De se baixar, com ser tão soberano.
Mas Luzbel, deprauado na vontade
De pura enueja, & de soberba insano,
Adorar homem Deos, não quiz nessa hora,
E nessa obstinação està tégora. (estr. 13, canto I, p. 3)*

Digo trazer à memória o pecado dos anjos: como sendo eles criados em graça, e não se querendo ajudar de sua liberdade para prestar reverência e obediência a seu Criador e Senhor, ensoberbecendo-se, foram convertidos de graça em malícia, e lançados do céu ao inferno (E.E. 1ª Semana, 1º exercício, 1º ponto [50]).

Esta sequência com que prossegue o 1º ponto dos E.E., encontra correspondência no *Memorial*:

*Foi caida local, pois que da alteza
Do monte Olympo, excelso, glorioso,
Que merecia ter por natureza,
Foi lançado no pego tenebroso:
Donde sem fim com immortal tristeza
Nesse infeliz lugar caliginoso
Forão com elle os anjos condenados
Em fulgores fulfureos sepultados.*(Estrofe 26 do Canto I)

A primeira semana continua com o 2º ponto do 1º exercício: *Digo trazer à memória o segundo pecado: o de nossos primeiros pais. Como depois que Adão foi criado no campo damasceno, e posto no paraíso terreal, e Eva foi criada de uma costela sua, sendo-lhes proibido que comessem da árvore da ciência, eles comeram, e, por isso mesmo, pecaram. Depois, (...) lançados do paraíso, viveram sem a justiça original, que tinham perdido(...)*E.E.,[51].

O mesmo encadeamento é seguido no *Memorial*:

*Logo com grande amor a summa alteza
Que com somente hum Fiat poderoso
O orbe todo creou, toma a baixaza
Da terra entre suas mãos (acto espantoso)
E forma a Adam mostrando sua grandeza..*(Estrofe 31 do Canto I)

*(...) Da costa varonil potente, & graue
A molher lhe tirou, que em grao subido
A julgou dentro n'alma sua ideia,
Não por humana, mas por Semidea.* (Estrofe 34 do Canto I)

*Creadas estas nobres creaturas,
A terra lhes deo Deos, em que morassem, (...)* (Estrofe 36, Canto I)

E poz a soberana Sapiencia

*Outra aruore diuina da sciencia,
Que do bem, & do mal era chamada:
E para que de Adam a excellencia
Lhe não deixasse a alma alienada,
Tal como Lucifer, a quem vangloria
Derribou no inferno da alta gloria.*

*Hum preceito lhe poz facil, ligeiro,
E foi que d'este fruto não gostasse,
No qual ser Deos Senhor seu verdadeiro
Em esta obediencia confessasse: (...) Estrofes 50 e 51 do canto I)*

*Tão grande he dos amantes a cegueira:
Em tomando o sabor d'este bocado,
N'alma lhe entrou a morte verdadeira;
E abertos seus olhos, & sentidos,
Ambos virão seus bens serem perdidos. (Estrofe 65 do Canto I)*

A autora salta a contemplação do 3º pecado, "o pecado particular de qualquer um", embora ele esteja sempre implícito nas constatações da narradora, que deste modo obedece ao nº3 do 3º ponto e ao 4º ponto: *Considerar quem é Deus contra quem pequei, segundo os seus atributos, comparando-os aos seus contrários em mim; a sua sapiência à minha ignorância; a sua Onnipotência à minha fraqueza; a sua justiça à minha iniquidade; a sua bondade à minha maldade.* (E.E., [59])

É assim que, quando a misericórdia e o amor intervêm, intercedendo junto de Deus, para que salvasse o homem, se sublinha várias vezes a fragilidade da natureza humana e a magnanimidade do amor de Deus:

*(...) Contudo a sua fraca natureza,
E o ser em fim de barro fabricado
Alguma escusa dá em sua culpa,
Para que meu effeito nelle esculpa (Estrofe 71, Canto I)*

*A debil miseravel natureza
Não pode por ninguem ser restaurada,
Senão por quem com immortal destreza
A soube fabricar, & fez de nada: (...) (Estrofe 90, Canto I)*

*Pagar não pode bem a creatura,
Porque seu cabedal he pouco forte;
Morrer não pode a deidade pura,
Porque em Deos infinito não ha morte: (...) (Estrofe 91, canto I)*

Relativamente à segunda semana, nos comentários que antecedem as primeiras contemplanções, refere-se que é necessário *pôr diante de mim um rei humano, eleito pela mão de Deus, nosso Senhor, a quem prestam reverência e obedecem todos os príncipes e todos os homens cristãos. E ainda considerar que devem responder os bons súbditos a rei tão liberal e tão humano; e, por conseguinte, se algum não aceitasse a petição de tal rei, quão digno seria de ser vituperado por todo o mundo e tido por perverso cavaleiro.* ([94], p. 64)

Tais comentários parecem ter encontrado eco na estrofe já acima citada e que se inicia por “Imperiosamente a diuindade”. Depois, a semana propriamente dita inicia-se com a contemplação das três pessoas divinas que, contemplando a perdição dos homens, decidem a Encarnação. E termina a 1^o parte com a meditação das duas bandeiras, isto é, com o combate espiritual entre as forças do bem e as do mal.

Esta estrutura também está subjacente a este primeiro canto, na medida em que o poema refere a “grandeza trina”, “o solio eterno, & unitrino” que *Para o materno ventre fez caminho, / Sem do peito do Pai deixar o ninho* (estr. 12, p. 3). Segue-se o combate entre Deus e Lúcifer, que se recusa a obedecer a Deus humanado e tem-se uma recriação da meditação das duas bandeiras. De facto, a estrutura da 1^a parte da 2^a semana está completa.

Mas a transtextualidade vai mais longe entre estas duas obras. Além desta duplicação da estrutura dos *Exercícios*, verifica-se também uma proximidade no léxico, que aparece sequencialmente, e no mesmo contexto, o que reforça a pertinência deste cotejo. Veja-se, por exemplo:

Que comessem da árvore da ciência ([51])
Outra aruore diuina da sciencia (p.9 v, estrofe 50)

Atente-se também na linguagem guerreira que aproxima os dois textos:

Nosso Senhor se põe num grande campo, (...) em lugar humilde, belo e gracioso ([144]), p. 81)
Nos campos de paz, pura e diuina (estr. 17, p. 4)

Onde o Sumo capitão general dos bons é Cristo ([138]), p. 79)

O forte Capitão, em quem se encerra/ todo o valor constante & soberano (estr. 19, p. 4)

Um rei humano, eleito pela mão de Deus, nosso Senhor ([92]), p.63)

Que adorar Deos humano não quizesse (estr. 16, p. 4)

Pedir conhecimento dos enganos do mau caudilho e ajuda para deles me guardar, e conhecimento de vida verdadeira que mostre o sumo e verdadeiro capitão e graça para O imitar ([139]), p. 80)

Tomando d'elle exemplo na humildade (estr. 13, p. 3)

Imaginar o caudilho de todos os inimigos (...) Imaginar o sermão que lhes faz, e como os admoesta... ([140 e 142]), p. 80).

E logo começou, usando d'arte

Para que seu peccado mais crecesse,

De dizer a cada espirito a parte

Que adorar Deos humano não quizesse (estr. 16, p. 4v)

Como numa grande cátedra de fogo e fumo ([140]), p. 80).

Nessas chamas sem fim caliginosas (estr. 22, p. 4)

Em vivas chamas abrasadas (estr. 21, p. 4v)

De referir também que o termo *bandeiras* usado por santo Inácio e unicamente por ele, é transposto em Soror Mesquita Pimentel para o termo *armas, divisas e escudos* (cf. estr. 21, p. 4v), todos sucedâneos do sentido inerente a *bandeiras*.

A literatura monástica feminina parece, na sua globalidade, alheia a influências inacianas. Por isso será talvez com surpresa que haverá que considerar a hipótese de se poder reconhecer, para este texto de Soror Pimentel, a presença do autor dos *Exercícios Espirituais*.

De facto, se Soror Mesquita Pimentel parece seguir de muito perto determinadas passagens das *Meditações*, decalcando estruturas e reaproveitando temas e léxico, em outros momentos parece também dar cumprimento às exortações de Santo Inácio, quando incita o exercitante a ver o caminho até Nazaré, ver a gruta, ver “o que fazem o anjo e N. Sr^a, a saber: o anjo fazendo o seu ofício de legado, e N. Sr^a humilhando-se e dando graças à divina majestade”.([108], 3º ponto).

Para além disso, a sequência dos mistérios apresentada no *Memorial...* está mais próxima de Santo Inácio do que do pseudo-Boaventura, pois Soror Pimentel quase não refere a Visitação, tal como

acontece em Santo Inácio, enquanto as *Meditações* do pseudo-Boaventura dão ampla cobertura a este episódio.

Outro factor parece sustentar esta proposta de uma influência inaciana. Nas *Meditações*, que, como vimos, Soror Pimentel poderá ter tomado como matriz do seu *Memorial...*, quase se esbate a ideia de um combate espiritual, que aparece apenas superficialmente referido nos episódios da vida pública de Cristo, embora noutros moldes. A ideia de um combate, já arcaica nos tratados teológicos, desde os Padres do Deserto, a Orígenes, à *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, desenvolve-se amplamente em Santo Inácio, o mesmo se verificando em Soror Pimentel. E, se o combate está forte e impressivamente implícito em Santo Inácio, embora não chegue a desenrolar-se sob os nossos olhos, as exigências de heroicidade do *Memorial...* concretizam e visualizam ao leitor, face às exigências do código do género, esse combate, onde os anjos de Miguel são vencedores. Tal vitória, ao encimar e abrir um poema épico, enfatiza a ideia de que o herói do poema, que irá nascer, Cristo encarnado e Redentor, é um rei vitorioso sobre o mal e de que o seu nascimento, ainda antes da sua paixão, constitui desde logo um triunfo de Jerusalém sobre Babilónia. Ora a ideia central de Cristo Salvador é a teologia escatológica dominante nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio.

Face a esta suspeita de que os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio terão também contribuído para a génese da redacção de parte do *Memorial*, concretamente das estrofes iniciais do primeiro canto, urge entender como é que tal filão de espiritualidade se fixou em Portugal num mosteiro cisterciense, numa época para a qual várias teorias tecidas em torno de espiritualidades podem ser válidas, embora difíceis de comprovar.

O século XVII português parece ter conhecido um certo retrocesso face ao movimento de explosão de realização dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio na Península Ibérica no século XVI. A vontade de dar bem os *Exercícios*, mais do que dá-los a muitos, juntamente com a tão barroca convicção elitista de que a maioria das pessoas não era capaz de entender e assimilar o essencial da experiência espiritual que eles continham, levou os sacerdotes a administrarem apenas princípios elementares ao povo, reservando para as elites da nobreza a essência mais pura dos *Exercícios*. Teimava-se assim em manter incólume o pensamento inaciano e a manter na sua mais alta fasquia a essência dos *Exercícios*, destinando-os àqueles que poderiam dar muito fruto, inclusivamente porque, no interior da própria Companhia, por esta altura, eram muitos os que saíam, pouco depois de terem entrado. De facto, pelo menos em Portugal, o grande desenvolvimento dos exercícios inacianos dá-se apenas nos finais de XVII e no séc. XVIII. Até aí, a generalidade da Península Ibérica exerce um tipo de exercícios já conhecidos anteriormente, pelo que são escassas as referências a exercícios e exercitantes para o século XVII. Mas se houve pouca prática efectiva, tal facto deve-se a esse doseamento cauteloso dos sacerdotes face aos

exercitantes, que ofereciam, em contrapartida, às maiorias, os *Exercícios* como “manjar diluído em otras formas”³⁸.

Esta redução dos *Exercícios* face ao século anterior deve-se, no entender de Iparraguirre, a que os catecismos e as missões tenham constituído, neste século XVII, os dois grandes eixos em torno dos quais gravitou a espiritualidade, destinando-se apenas os poucos exercícios que se davam a uma maneira de “conservar o fervor”³⁹.

Deste modo, são os sermões da semana da Paixão que se transformam, pela assiduidade diária com que os crentes a eles acorriam durante esse tempo, em meditações, cujas fórmulas renovadas vieram a constituir *Exercícios* abertos, quase sem se dar por isso. Mas aí, o plano de salvação expresso não ia além do processo espiritual reservado por Santo Inácio para a primeira semana.

Assim, torna-se necessário verificar as hipóteses que teria tido Soror Maria de Mesquita Pimentel de contactar com o texto inaciano, uma vez que o investigador se depara com escassez de exercícios, ou práticas espirituais de raiz inaciana, que, quando existiam, não iam além da primeira semana.

Refira-se no entanto, que, na opinião do Padre Roiz Jurado, os *Exercícios Espirituais* eram abundantemente dados às casas religiosas e, se nem todas as religiosas os faziam, eles eram dados às superiores que, depois, por sua vez, os davam às restantes religiosas. Este método não nos causa estranheza, se pensarmos na forma como as missões dos jesuítas em Portugal se concretizaram em terras do Alentejo. Baltasar Teles⁴⁰ relata que, no ano de 1554, foi pedida uma missão pelo Alcaide de Castelo de Vide para aquela região e que o Alcaide, D. Joam de Mascarenhas, fora o primeiro a quem foram dados os *exercícios de nosso S. P. Ignacio (...) que os tomou com grande espirito, mostrando bem nesta religiosa açcam seus dobrados talentos, porque lhe sobejava valentia pera sogeytar Mouros, & nem lhe faltava piedade pera tratar com Deos. Tam aproveytado ficou dos exercicios, que elle mesmo fazia officio de Apostolo⁴¹, exhortando a todos à confissão, & a obras de misericórdia, sendo os de sua casa (que a tinha elle muy grande) os que se mostravam mais reformados; hindo hum dos Padres todos os dias a lhes fazer doutrina, & comunicar os mesmos exercicios espirituales, que tambem tomou sua molher Dona Elena Mascarenhas (filha de Dom Martinho de Castellobranco), que foy senhora de grandes respectos & notavel piedade.*

Por aqui se vê que os *Exercícios*, no Alentejo, na segunda metade do séc. XVI, foram bastante difundidos, até mesmo junto de leigos e de senhoras, e

³⁸ Cf. Ignacio IPARRAGUIRRE, S.I., *Practica de los Ejercicios de San Ignacio...*, ed. cit., 174.

³⁹ Ignacio IPARRAGUIRRE, S.I., *Practica de los Ejercicios de San Ignacio...*, ed. cit., 175.

⁴⁰ Vide *Chronica Da Companhia de Iesv Na Provincia De Portugal (...)*, Pelo P. M. Balthazar Tellez da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, Segunda Parte, Lisboa, Paulo Craesbeck, 1647, Livro V, Cap. XV, 325..

⁴¹ Sublinhado nosso. Este termo era o termo utilizado na altura para designar os jesuítas.

Por aqui se vê que os *Exercícios*, no Alentejo, na segunda metade do séc. XVI, foram bastante difundidos, até mesmo junto de leigos e de senhoras, e que os que deles mais aproveitavam tomavam atitudes de “apóstolo” como diz Teles. Além disso, Teles relata a forma como, no ano de 1551, os jesuítas chegaram a Évora e aí se instalaram, com grande “aplauso de todos os moradores de Évora”. Seguem-se depois as enumerações das acções dos Padres jesuítas nesta cidade, embora não sejam concreta e definidamente referidos os *Exercícios*, mas sim confissões, remédio em aflições espirituais, bondade, auxílio aos enfermos, etc. De qualquer forma, pensamos que nesses actos se incluíam também a pregação através dos *Exercícios* de Santo Inácio... Aliás, Baltasar Teles afirma que *Toda a cidade de Évora, & ainda o Arcebispado, hiam sentindo huma viraçam de primavera do céu, com que todos em geral se alegravam, presentindo o grande fruto, que ao diante se havia de recolher, com a vista de tam apprazíveis flores; os mininos aproveitavam nas doutrinas; os grandes se melhoravam em suas consciências, & no conhecimento do que deviam a Deos; multiplicavamse as confissoens, & as comunhoens.*⁴² É provável que também pela acção da metodologia dos *Exercícios* inicianos.

Também não será de excluir a hipótese, embora dificilmente comprovável de que o conhecimento do texto de santo Inácio decorresse, em Soror Mesquita Pimentel, de uma relação de direcção espiritual, que poderá ter ido ao ponto, mesmo, de se lhe ter colocado a obra de Santo Inácio entre as mãos. Mesmo que assim não tenha sido, bastaria uma direcção espiritual fundamentada nos *Exercícios*, para que daí decorresse o conhecimento, ainda que indirecto, do texto do santo, e que Soror Pimentel pudesse conhecer a estrutura das duas primeiras semanas e a referência ao episódio simbólico das bandeiras, como visualização, tão ao modo barroco, do conflito entre o bem e o mal. E talvez seja importante conhecer que, se a 1ª semana era normalmente o limite dos *Exercícios Espirituais* para a maioria das pessoas, sobretudo leigos, a segunda semana era muitas vezes dada aos religiosos, para reforçar neles o estado de eleição. Em face do exposto, podemos aceitar que Soror Pimentel conhecesse o conteúdo de, pelo menos, parte da 2ª semana. Aliás, será talvez necessário modalizar as afirmações taxativas de Iparraguirre, no que respeita à escassez de realização dos *Exercícios*. Sabemos que o Padre Chagas os indicou a uma ou outra clarissa e que, como testemunha o Padre Bartolomeu do Quental nas suas cartas, D. Luísa de Gusmão também os realizou. Embora exemplos mais tardios, estes dois casos deverão ter outros antecessores...

As edições dos *Exercícios Espirituais* são escassas, até à altura em que Soror Pimentel compõe o *Memorial*. De facto, segundo informa

⁴² Vide Baltasar TELLEZ, *Chronica Da Companhia de Iesv(...)*, Segunda Parte, Livro III, Cap. XIX, 518-519

Iparraguirre, na *Introdução às Obras Completas* de Santo Inácio⁴³, a versão vulgata dos *Exercícios* data de 1548, de Roma, por António Blado, e este texto latino cumpria com a função a que se destinava, que era a do uso de todos os directores de *Exercícios*, razão pela qual só muito tardiamente, em 1615, saiu uma edição castelhana desta vulgata, pois para a maior parte dos exercitadores, era suficiente o texto latino. Ora esta edição castelhana poderá querer significar um alargamento do destinatário? Seria preciso averiguá-lo.

No que respeita aos vários comentários que se escreveram aos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, há que referir que alguns deles se afiguram significativos para a nossa demonstração. Os *Afectos y consideraciones devotas sobre los quatro novísimos*, Madrid, 1628, escritos por Francisco Salazar⁴⁴, obtiveram um enorme sucesso, como o confirma o repertório extensíssimo de edições posteriores. É provável que o livro tenha circulado em Portugal, embora só tenha tido uma primeira tradução portuguesa em 1705, em Coimbra. No entanto, praticamente fica pela 1ª semana⁴⁵.

⁴³ IPARRAGUIRRE, *Obras Completas de Santo Inácio*, Madrid, B.A.C., 1991, 205-209.

⁴⁴ Ignacio IPARRAGUIRRE S.I., *Comentarios de los Ejercicios Igacianos (Siglos XVI-XVIII)*. *Repertorio crítico*, Roma, Institutum Historicum S.I., 1967, nº 441, 214-215.

⁴⁵ Se em 1710 saiu em Coimbra, no Colégio das Artes da Companhia de Jesus, com 152 pp., uns *Exercícios espirituaes do grande Mestre de Espirito e Maravilhoso Patriarcha S. Ignacio redusidos a huma só Semana, e accomodados ao Estado e vida Religiosa*, escritos pelo Padre António Carneiro há que atender também à tradição dos comentários manuscritos, que foram realizados em datas que de algum modo podem ser consideradas preparatórias de um certo clima propício à difusão e vivência dos exercícios inicianos. Atente-se, por exemplo, no *Livro de exemplos, meditações e exercícios espirituaes. Escripito pelo irmão Manuel da Costa em quanto foi noviço na provincia de Evora da Companhia de Jesus*. É um 8º manuscrito e Manuel da Costa entrou para a Companhia em Évora, em 1616. Embora se trate de uma obra que se diz estar na B.N.Lisboa, com a cota K-1-15, o facto de não se encontrar lá impediu a apreciação de Iparraguirre. Ma o título e a data parecem-nos sugestivos e indicadores de uma certa vitalidade inaciana, justamente na cidade de Évora, onde foi professa Soror Maria de Mesquita Pimentel. Outro manuscrito de Évora, de António Duarte, que nasceu e morreu em Évora e entrou para a Companhia em 1693, *Solitudo ad quam quotannis se recipiunt Societatis alumni ad exercitiorum spiritualium studia percurrenda*, embora mais tardio e muito posterior à edição do *Memorial*, informa-nos, contudo, da especial predisposição de Évora para o acolhimento a Santo Inácio. O mesmo para o caso de João da Fonseca, que entrou para a Companhia em Évora em 1649, igualmente autor de umas *Meditações dos Exercícios de Santo Ignacio*, que não passaram de manuscrito. Outros manuscritos, embora anónimos e às vezes não datados, são particularmente eloquentes, pelos conteúdos que possuem, onde se salienta o relevo dado ao tema das bandeiras. Considere-se, por isso, o manuscrito de Madrid *Algunas razones para despertar los affectos acerca de las meditaciones de los ejercicios de Nuestro Santo Padre*, onde se contempla a meditação das bandeiras e ainda e, sobretudo, o *Exercícios spirituais*, 8º manuscrito, de Évora, que além dos exercícios da 1ª semana inclui os da 2ª, concretamente as 4 meditações principais do reino, bandeiras, binários e maneiras de humildade. Embora superficialmente, a meditação das bandeiras também ocorre no *Manual breve de meditações conforme as quatro semanas dos exercicios de nosso santo P. Ignacio, repartidos per todo o anno, dando a cada semana tres meses*, manuscrito guardado na Biblioteca de Lisboa, com a cota ms.3420. Para a confirmação destas informações, veja-se Ignacio IPARRAGUIRRE, *Comentarios de los Ejercicios*

Por todos estes factores, mesmo os enumerados na nota de rodapé anterior, estamos em crer que a existência de um colégio e universidade de jesuitas em Évora e a pujança da vida espiritual desta cidade, em torno dos padres jesuitas, torna de algum modo consistente a tese de que Soror Maria de Mesquita Pimentel, por um ou outro modo, terá tido contacto e ou até mesmo acesso à obra de Santo Inácio. Não esqueçamos o pormenor curioso de que Santo Inácio guardou para si 500 exemplares da 1ª edição dos *Exercícios*, por não querer que eles fossem lidos por quem não os podia perceber por não os haver ainda realizado. Mas, numa das suas cartas, elucida um sacerdote de que o livro podia ser dado àqueles que já haviam feito os *Exercícios*. Por isso, não é de marginalizar a hipótese de que Soror Pimentel tivesse tido o texto na sua posse e que o possa ter utilizado na elaboração dos seus *Memoriais*. Seria preciso ver os outros dois *Memoriais*, para ver se os havia iniciado com referências também estreitamente relacionáveis com os *Exercícios Espirituais* inacianos, mas a sua perda impede tal confirmação.

Este périplo pelas redacções de comentários aos *Exercícios Espirituais* vem apenas confirmar, de modo mais minucioso, um clima de espiritualidade de influência inaciana absolutamente compacto, que se viveu ao longo de todo o século XVII, sem ter passado, necessariamente, pela realização dos *Exercícios Espirituais*. As *Meditações* do Padre La Puente, a *Arte de Orar* do Padre Diogo Monteiro, os *Exercícios de Perfeição* de Afonso Rodrigues, os *Exercícios para uma semana* de Tomás de Villacastín, as obras de Eusébio Nieremberg, entre outras obras, acabam por moldar uma ampla forma de espiritualidade inaciana e que confirma uma ampla literatura produzida a partir dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio.

Poder-se-á talvez concluir, desta peregrinação pelos tratados espirituais, que a força da obra atribuída durante vários séculos a S. Boaventura se projecta com vitalidade no interior da clausura feminina portuguesa, sendo inspiradora de meditações e de textos literários. É até possível que o contacto, ainda que pequeno, com os *Exercícios* de santo Inácio tenha vindo reforçar esse eixo boaventuriano, no que concerne a técnica da composição vendo o lugar e à pormenorização imaginativa das meditações.

Por outro lado, será de pensar na hipótese de outras matrizes espirituais⁴⁶ que atravessem a clausura feminina⁴⁷ e, que, parecendo às vezes

Ignacianos (Siglos XVI-XVIII)..., ed. cit., nº 94, 122, 158 e 181, respectivamente nas páginas 49, 64, 80 e 92.

⁴⁶ Os cotejos que aqui deixámos são apenas aspectos de influências espirituais mais vastas, mas que não impedem que, neste mesmo *Memorial*, possam assomar à superfície do texto outras matrizes. A influência de Frei Heitor Pinto, por exemplo, denota-se nesta vertente do combate espiritual, temática de especial relevo na altura, em que se vivia ainda os prolongamentos de uma situação muito própria da segunda metade do séc. XVI, por causa do ambiente da Reforma

⁴⁷ Tenha-se em atenção que as ordens religiosas do séc. XVII não liam só os seus autores, liam todos, pelo que a sua formação espiritual se revela verdadeiramente eclética.

inexistentes na maioria dos conventos, se venham a revelar determinantes na configuração de determinada obra. Como se verificou, é às vezes subtil a apropriação de certas estruturas textuais na elaboração deste poema épico.

A presença de uma espiritualidade inaciana é, por isso, merecedora de uma averiguação mais aturada, no contexto da literatura monástica feminina, pois a sua escassez no material literário existente pode não querer significar a sua ausência.

Embora dominado maioritariamente pela matriz boaventuriana, o *Memorial da Infância de Cristo* apresenta indícios, talvez desconcertantes, de uma presença do texto inaciano. Não esqueçamos que se vivia num tempo de sobreposições culturais e textuais, em que, como disse um poeta, muito mais tarde, “(...) j’imite... Tout le monde imite, / Tout le monde ne le dit pas.”⁴⁸

Isabel Morujão

Abstract:

The comparison between the heroic verses of this Cistercian nun, the Meditações da Vida de Cristo (for many years attributed to St Boaventura) and the Exercícios Espirituais, from St Ignatius, helped us to establish, on the one hand, the importance of these two works on the spiritual development of the Portuguese members of female religious Orders, and on the birth of some of the 17th Century conventual women's literature, on the other hand, in a period in which Portugal was still dominated by the Spanish rule of the Filipines.

⁴⁸ Louis ARAGON.